

Portanto, se não fosse por mais nenhum motivo, só pela descoberta e adoção do método da associação livre, a psicanálise já teria dado uma grande contribuição para libertar o homem que sofre da dominação dos que se consideram donos do saber e do poder sobre os outros.

3.2 - A Ética da Psicanálise.

3.2.1 - Ética filosófica e Ética psicanalítica.

O discurso sobre ética e moral que nos é familiar é o que aprendemos nos ensinamentos religiosos, especialmente do cristianismo, e nos livros dos filósofos.

Distinguem, habitualmente, atos e comportamentos ditos voluntários - isso é, marcados por um certo grau de consciência e liberdade de escolha - dos atos involuntários, os quais, naturalmente estão fora do campo da ética porque não imputáveis. Não era isso que nos ensinava o antigo catecismo romano quando exigia plena consciência e deliberado consenso para que se pudesse falar em pecado mortal?

Quanto aos atos voluntários, tanto a tradição católica, quanto a filosófica apontam para um ideal de felicidade ao qual devem subordinar-se. O prazer dos sentidos, os desejos sexuais devem ser controlados, moralizados e até sacrificados em vista ou de um bem superior ou até de uma felicidade futura.

Contrariando esta longa tradição ética, a psicanálise propõe, paradoxalmente, uma ética fundada no desejo, em atos que não possuem a garantia da plena consciência e do deliberado consenso. Ao contrário, originam-se das profundezas do nosso inconsciente e da força coercitiva do determinismo psíquico.

Mas não é uma contradição lógica falar de Ética na psicanálise quando a grande orientação dela é não impor normas e valores a ninguém? Pode existir uma ética alicerçada sobre o determinismo do inconsciente? É possível uma ética numa prática que parece entrincheirar-se dentro de uma cosmovisão científica e fugir do problema?

Afinal, sendo a psicanálise um método terapêutico visa ou não uma cura? E podemos falar em cura, hoje, quando a própria psicanálise parece ter definitivamente abolida a linha divisória entre normal e patológico? Se existe uma direção da cura, onde a psi-

canálise quer levar o cliente? O psicanalista realmente é o 'morto', o espelho mudo ou ele dirige a análise? Se sim, com que direito e onde quer levar o cliente?

Por outro lado, podemos perguntar quais são os objetivos visados pelos que procuram a psicanálise. O que eles "demandam"? O que eles "desejam"? Pode uma ética fundar-se no desejo, o do analista e o do cliente? Haveria uma revolução ética proposta implicitamente pela psicanálise? O psicanalista é o novo diretor de consciência, substituindo a velha figura do sacerdote? É ele um novo guia moral, inspirado nas teses quase sagradas da psicanálise? Ou a imagem do psicanalista como 'médico da alma' deve ser entendida de outra maneira?

Apesar de nossas perplexidades subjetivas e das dificuldades objetivas, o próprio Freud abordou o tema em dois livros famosos:

"Além do princípio do prazer" e "O Mal-estar na civilização".

Segundo Freud, a felicidade humana é problemática e precária. Uma pulsão de morte se aninha no âmago da vida e a destrói por dentro.

Além disso, a Terra gera filhos com desejos insaciáveis e socialmente conflitantes, aos quais é preciso renunciar em vista da construção de uma civilização.

Antes de prosseguirmos na nossa reflexão e apresentar as contribuições dos que retomaram o tema de uma ética da psicanálise, só bom lembrar que se fala de uma 'ética' e não de uma 'moral' da psicanálise.

A psicanálise, na realidade, não possui uma moral. Ela é 'a-moral'. Não pretende levar os clientes a uma adaptação social e a uma conformidade com os ditames, normas e valores dominantes numa determinada época. Aliás, às vezes, é considerada até 'imoral' pela pretensa defesa de uma sexualidade ampla, geral e irrestrita, agredindo os bons costumes e os homens ditos de bem.

A psicanálise não toma partido ao lado da norma, sacrificando os desejos do sujeito. Nem faz média com Kant que tenta conciliar conformidade e autenticidade no famoso imperativo categórico: "Age de maneira tal que a máxima de tua ação possa ser tomada como máxima universal". Não tem pretensões de elaborar uma ética universal. Simplesmente, quando se fala de ética da psicanálise se entende "o discurso relativo ao que se deve fazer com os próprios desejos e as próprias fantasias". (34:68)

Para compreendermos melhor em que consiste a ética do desejo e sua dimensão libertadora temos que recorrer a Lacan. Por conhecer mais filosofia que seus colegas psicanalistas e mais psicanálise que seus amigos filósofos arrastou ambos, numa discussão perturbadora, mas estimulante.

3.2.2 - Da ética aristotélica aos paradoxos da ética psicanalítica.

Em 1986 foi publicado na França, e dois anos depois traduzido para o português, um livro de J. Lacan, que é fruto de uma série de conferências pronunciadas nos anos de 1959-60.

O título, Livro 7 - A Ética da Psicanálise, é uma verdadeira provocação para nós que fazemos da filosofia uma profissão acadêmica.

Seria uma invasão indevida do nosso domínio filosófico? Trata-se de uma contribuição valiosa e original ao antigo tema da ética ou de uma mistificação de conceitos éticos repensados numa linguagem hermética e provocativa ao mesmo tempo?

Tentaremos percorrer o caminho de Lacan, de Aristóteles a Freud, para entendermos suas teses e identificar os aspectos positivos de libertação postulados por uma ética que se deixa penetrar pela novidade do inconsciente psicanalítico.

"A Ética a Nicômaco", de Aristóteles, inicia uma reflexão sistemática sobre o sentido e a dimensão moral da ação humana. Uma obra famosa, sem dúvida, e que vai marcar, de alguma maneira, as demais reflexões sobre o tema no decorrer da história da Filosofia.

Uma leitura mais crítica, porém, identifica com facilidade a ideologia deste filho de médico, educado pelo aristocrático Platão e educador de filho de rei. Em suma, a obra reflete a ideologia de uma sociedade escravocrata, que ele defende, e aponta para um ideal aristocrático e de dominação da conduta humana.

O que nos choca mais e repugna a todos nós, marcados por quase dois mil anos de cristianismo, e por infundáveis tentativas de fazer da igualdade fundamental do homem uma realidade histórica, é uma certa defesa das desigualdades sociais: aceitação da escravidão como algo de 'natural', defesa da superioridade dos maridos sobre as esposas, dos pais sobre os filhos e a defesa de uma felicidade reservada à elite intelectual dos filósofos e dos homens 'magnânimos'.

Mas, como Aristóteles consegue articular o ético e o político?

Vamos lembrar algumas das teses mais famosas da ética aristotélica: (3)

- 1 - A ética é um ramo da política. É uma 'ciência' sui generis, podendo alcançar apenas um conhecimento provável e não necessário.
- 2 - Todos buscam a felicidade. Mas o que é a felicidade?
- 3 - A felicidade é algo que só pode ser alcançado quando o homem agir de acordo com sua natureza racional.
- 4 - Parte de nossa 'alma' é racional, mas outra parte é irracional, a saber a alma vegetativa e a alma sensitiva.
- 5 - Às duas partes da alma correspondem duas categorias de virtudes, as dianoéticas (intelectuais) e as éticas (as morais), as primeiras aprendidas pelo estudo, as segundas conquistadas pelo hábito.
- 6 - Se a felicidade é filha da ação que seja conforme à razão, a felicidade perfeita consistirá na atividade contemplativa que, para Aristóteles, é a mais excelente para o ser racional.
- 7 - A vida mais feliz, portanto, é a vida intelectual, a atividade especulativa. A felicidade aristotélica é elitista; dela estão excluídos os escravos, a massa dos não intelectuais (crianças, mulheres).

O ideal do homem magnânimo que é descrito na "Ética a Nicômaco" só pode ser sonhado por reis, aristocratas e filósofos. "Dos prazeres corporais poderá gozar quem quer que seja, o escravo não menos que o homem excelente; mas, da felicidade ninguém há que faça partícipe o escravo. . ." (3:166)

- 8 - Se o homem na sua conduta deve guiar-se pela razão, o que fazer do próprio desejo? Ele só poderá obter cidadania dentro do mundo ético se aceitar o império da razão. Os desejos, portanto, que se rebelam à razão não são aceitos, reconhecidos, assumidos. Deixam de ser humanos, melhor, não entram na ordem da humanidade, permanecendo no mundo da bestialidade. O herói ético de Aristóteles parece pairar acima dos conflitos que caracterizam a condição humana. É uma ética racionalista que mascara o conflito.

Lacan, inspirado pela experiência radical da psicanálise e encurralado pelas posturas autoritárias da Instituição psicanalítica francesa, com a qual vai romper, propõe uma nova ética, a ética do desejo.

Enquanto a de Aristóteles está fundamentada numa antropologia racionalista, a da psicanálise numa antropologia que vê o homem como ser de desejo e sujeito do inconsciente.

A novidade freudiana não está apenas em ter dado um lugar ao desejo ou ter reconhecido que todos os desejos são humanos, não existindo uma demarcação rígida entre o normal e o patológico. A grande novidade foi ter afirmado a existência de desejos inconscientes.

O homem não é mais senhor na sua própria casa. O homem virtuoso, o homem feliz não pode ser aquele cuja razão se considera dona absoluta e inquestionável da conduta humana.

A esta altura, talvez, muitos se perguntem perplexos aonde pode levar esta ética do desejo. O desejo será o nosso novo patrão? Na sua articulação com o político será portador de mais democracia, mais compreensão e igualdade entre os homens? É bom tentar compreender o que se esconde por trás de formulações escandalosas para os ouvidos filosóficos.

Antes de tudo, defender a ética do desejo do cliente implica aceitar como contrapartida a ética do silêncio do analista. Lacan critica a pretensão de alguns psicanalistas de tornar a psicanálise o que ele chamou de 'pastoral analítica', prometendo a cura ou a fecundidade ou a libertação sexual ou uma adaptação do sujeito à sociedade.

A psicanálise não carrega nenhuma promessa de felicidade e ao analista não compete sugerir nenhuma orientação ética.

"Agiste conforme o desejo que te habita"? (29:376) É a pergunta básica que é colocada ao cliente. O psicanalista não é nenhum fiador do devaneio burguês ou de posturas anarquistas. "A ordem dos poderes não deve ser absolutamente desprezada. . . é preciso simplesmente conhecer o limite disso. . . No que diz respeito ao que está em questão, ou seja, ao que se refere ao desejo, a seu aparato e ao seu desarvoramento, a posição do poder, qualquer que seja, em toda circunstâncias, e toda incidência, histórica ou não, sempre foi a mesma.

Qual é a proclamação de Alexandre chegando em Persópolis, assim como de Hitler chegando em Paris? O preâmbulo pouco importa - Vim libertá-los disto ou daquilo. . . Continuem trabalhando. Que o trabalho não pare. . . Que esteja claro que não é absolutamente uma ocasião para manifestar o mínimo desejo. . . Quanto aos desejos vocês podem ficar esperando sentados". (29:377-378)

Mas, o que Lacan entende quando fala de desejo? Devemos a ele uma distinção interessante com outras noções parecidas como necessidade e demanda.

"A necessidade visa um objeto específico e satisfaz-se com ele. A exigência é formada e dirige-se a outrem; embora incida ainda sobre um desejo, este não é para ele essencial, pois a exigência articulada é no fundo exigência de amor.

O desejo nasce do afastamento entre a necessidade e a exigência; é irreduzível à necessidade, porque não é fundamentalmente relação com um objeto real, independente do indivíduo, mas com o fantasma (fantasia); é irreduzível à exigência na medida em que procura impor-se sem ter em conta a linguagem nem o inconsciente do outro, e exige ser reconhecido em absoluto por ele". (30:160)

O desejo inconsciente é a presença de uma ausência que nenhuma realidade concreta poderá preencher. A partir do novo imperativo da psicanálise, o ego deve avançar lá para onde o Id está ou na formulação de Lacan 'agir conforme o desejo que nos habita. Esta nova ética faz explodir a lógica da dominação da razão sobre o desejo e do aristocrático sobre o popular e coloca exigências de democratização dentro do próprio indivíduo e dentro da sociedade.

O que os clientes demandam é a felicidade mas "é pelo fato da entrada da felicidade na política que a questão da felicidade não apresenta para nós, como possível, a solução aristotélica, e que a etapa prévia se situa no nível da satisfação das necessidades para todos os homens" (29:350). Com uma felicidade ímpar Lacan concretiza seu pensamento assim: "Não poderia haver satisfação de ninguém fora da satisfação de todos".

Emergem à minha consciência, neste momento, palavras parecidas que A. Camus coloca na boca de Rieux, o protagonista principal de sua obra prima 'A Peste': "Vergonhoso não é ser feliz, vergonhoso é ser feliz sozinho".

É muito sonhar com esta dimensão libertadora da psicanálise?

3.3 - Os objetivos terapêuticos e as metas morais da psicanálise

Vimos que o analista não é um teólogo, nem um filósofo, menos ainda um guru, mas sua prática bem que se enquadra dentro da grande tradição humanista dos que desempenharam e continuam a desempenhar o papel de "médicos da alma" (26:70ss).

Impelidos pelos ventos do misticismo ou da razão, sempre houve homens que se debruçaram sobre o sofrimento humano e apontaram para remédios chamados amor, verdade, justiça, liberdade etc. . .

De Sócrates e Gandhi, filósofos orientais e ocidentais, profetas bíblicos, fundadores de religião, Jesus de Nazaré e outros, fizeram ressoar pelos séculos um conjunto de mensagens parecidas.

- 1 - O homem deve buscar e guiar-se pela verdade.
- 2 - O homem deve ser livre e respeitado na sua liberdade.
- 3 - Realizar-se com os outros, numa relação de amor e participação.
- 4 - Responsabilizar-se pela sua ação.
- 5 - Assumir o compromisso de corrigir-se e guiar-se pela voz da própria consciência.

Verdade, Liberdade, Amor, Libertação, Responsabilidade, Consciência. . . são luzes que iluminaram a longa, tortuosa e difícil caminhada dos homens e impediram que a utopia desaparecesse do horizonte de sua história

Mas o que tudo isso tem a ver com a psicanálise?

Sabemos que Freud recusa-se terminantemente a tornar a psicanálise uma *Weltanschauung* de tipo filosófico, mas enquanto faz parte de uma *Weltanschauung* científica aceita duas características fundamentais da mesma, “a submissão à verdade e a rejeição às ilusões”. (23:220)

Nesta perspectiva, pelo menos, a psicanálise se coloca na mesma linha dessa longa tradição religiosa e filosófica de que falamos.

Uma das teses básicas da psicanálise é que os sintomas de que se queixa o paciente são apenas a ponta do iceberg que remete a um conflito intra-psíquico. A cura definitiva não exige apenas a remoção dos sintomas, mas a elaboração do conflito neurótico subjacente.

Os sintomas neuróticos são os nossos grandes aliados, são as sirenes de alarme, são a luz vermelha que acende e denuncia que algo não vai bem. A nossa humanidade sofre. Algo a impede de viver em plenitude.

Não podemos violar impunemente certas leis fundamentais ou obedecer a certos padrões de comportamentos que ferem direta ou indiretamente certos valores básicos para o homem.

“Na verdade, a saúde mental não pode ser separada do básico problema humano, ou seja, a realização dos objetivos vitais: independência, integridade e capacidade de amor” (26:89).

Ora, a psicanálise aponta para um ideal de autenticidade, o ideal do amor humano e o ideal de não dependência. (29:17-20).

3.3.1 - O ideal da autenticidade.

O primeiro objetivo do processo psicanalítico é a busca e o reconhecimento da verdade. Trata-se de percorrer simbolicamente o caminho sofrido e libertador de Édipo. Ir além da verdade acreditada para encontrar a verdade verdadeira. É necessário desmascarar as racionalizações que nos defendem das motivações verdadeiras. O coração tem razões que a própria razão desconhece e são essas razões ocultas à consciência que é necessário atingir para se compreender e compreender os outros.

3.3.2 - O ideal da não-dependência.

O encontro com a verdade é libertador. Verdade e libertação andam de mãos dadas. Qual a verdade de Édipo? Ter consumado o desejo que o tabu proibia terminantemente. A verdade nos libertará se conseguirmos superar a tentação de Édipo e ir além do complexo que leva seu nome.

Várias vezes Freud declarou nos seus escritos que ‘o complexo de Édipo é a fonte de todas as neuroses’. O tabu do incesto, porém, não exige apenas a proibição de relações sexuais com os membros da própria família, postula, também, a renúncia a um desejo mais profundo, o de reeditar e perpetuar a relação fusional com as figuras paternas.

Tornar-se adulto para o homem implica sempre e necessariamente cortar o cordão umbilical psicológico que o alimenta e o protege, mas que igualmente o infantiliza e o torna dependente, exige aceitar a castração, assumir a experiência angustiante da separação e arriscar-se na aventura da própria liberdade.

Palavras de E. Fromm: “. . . o indivíduo deve romper os laços incestuosos e tornar-se livre, se deseja ser humano.

A fixação aos pais representa a forma fundamental de incesto, sem ser, entretanto, a única. No processo da evolução social, outras fixações aparecem. A tribo, a nação, a raça, o estado, a clas-

se social, partidos políticos e muitas outras instituições e organizações podem ocupar o lugar da família; e esta é a origem da nacionalidade e do racismo, que por sua vez, são sintomas da incapacidade humana de viver livremente e de respeitar a liberdade do semelhante. Pode-se dizer que o desenvolvimento da humanidade se faz do incesto para a liberdade” (26:nº96).

3.3.3 - O ideal do amor humano.

O ‘libertar-se de...’ é apenas um aspecto da libertação. Uma libertação mais plena aponta para outros aspectos, o ‘libertar-se para...’ e o ‘libertar-se com...’.

Tanto a longa tradição humanista, quanto a psicanálise concordam que a caminhada da libertação é rumo à capacidade de amor o que não pode reduzir-se a uma mera ‘genitalização do desejo’. “Sabe Deus - escreve Lacan - que obscuridades permanecem numa pretensão como o advento da objetividade genital. . .” (29:351). Uma erótica psicanalítica não pode limitar-se ao método de amor que Lacan, ironicamente, chama de ‘amor médico’, ‘higiene do amor’ para acentuar num sentido cômico a denotação dessa ideologia. (29:17).

“Ama teu próximo como a ti mesmo”, diz o cristianismo. Ora, se há um mandamento do amor é porque amar não é algo de espontâneo, de fácil ou de facultativo. Acreditamos, ingenuamente, que amar é fácil; difícil é ser amado. Na realidade difícil mesmo é amar com um amor não neurótico. Na origem de muitos distúrbios psíquicos está nossa incapacidade de amar, e a terapia psicanalítica nada mais é senão a tentativa de ajudar o cliente a conquistar ou reconquistar a sua capacidade de amar.

Estamos chegando ao fim de nossa palestra. Não sei se conseguirei passar para vocês algumas das dimensões de libertação presentes implícita ou explicitamente na teoria e na prática psicanalítica.

Talvez tudo não passe de mais uma armadilha de nossa consciência para ocultar os descompromissos éticos, sociais e políticos da prática real da psicanálise entre nós. Talvez seja apenas um sonho, mas sonhar é preciso. Só nos resta torcer que o sonho se torne cada vez mais comunitário para que a psicanálise possa ser efetivamente uma força histórica de libertação.

CONCLUSÃO

Vamos retomar as idéias básicas desenvolvidas até agora.

1º - O encontro com a psicanálise pode ser, inicialmente, perturbador. Freud, junto com Marx e Nietzsche, é um dos grandes “mestres da suspeita” como os define P. Ricoeur, um furador de máscaras.

A descoberta do inconsciente psicanalítico representa o mais duro golpe à noção da consciência e ao narcisismo humano. Uma antropologia filosófica do sujeito não pode mais coincidir com uma filosofia de consciência, nem desconhecer as contribuições que só a psicanálise pode oferecer.

Freud é um mestre da suspeita, mas não do ceticismo radical. O verdadeiro saber é possível, além da destruição dos mitos antigos e novos. A tarefa de se tornar homem é difícil, mas não impossível.

A consciência e a liberdade não são um dado e sim uma tarefa.

Onde havia Id, deve advir o Ego.

Esta longa caminhada está marcada por sucessos e derrotas. É uma caminhada obrigatória, ao término da qual a maioria alcança o mundo adulto sem grandes prejuízos, enquanto outros podem se perder na psicose, na loucura ou nos sintomas neuróticos.

Esta história não pode ser contada pelo biólogo porque não é de biologia, nem pelo historiador ou sociólogo ou antropólogo, visto que estes se ocupam do homem já inserido na cultura e, portanto, de algo que o pequeno animal humano não é mais. Esta tarefa é da psicanálise que tenta descrever a “longa marcha forçada que, de larvas de mamífero, transforma as crianças humanas em sujeito”. (2:243)

2º - Uma nova antropologia inspirada na descoberta do inconsciente parece exigir também uma nova ética, não mais alicerçada sobre a consciência e sim sobre o desejo.

Esta nova ética proposta pela psicanálise não parece apontar para uma anarquia moral e política. Ao contrário constitui-se um forte apelo à consciência dos homens para encarar a própria verdade e se tornar sujeitos livres, não dependentes, filhos dos próprios desejos e sujeitos capazes de amar.

3º - A psicanálise não traz nenhum consolo àqueles que nela buscam uma Weltanschauung. Apenas oferece uma dura verdade

e o desmascaramento das ilusões (23:220). Mesmo assim, ou precisamente por isso, ela é portadora de uma mensagem de otimismo quanto ao futuro dos homens. Se a noção de consciência que se tinha antes de Freud, apesar de suas falhas, conseguiu realizações históricas consideráveis não é legítimo esperar mais libertação ainda?

“Não se deve esquecer - nos diz o Abbagnano - que a partir de Descartes, essa noção serviu para introduzir dúvidas, para impostrar problemas, para suscitar oposições ou rebeliões a crenças ou a sistemas de crenças estabelecidos institucionalmente. O apelo à consciência serviu muito frequentemente para apresentar ideais ou regras morais não ainda aceitos pela moral corrente e todavia destinados a superá-la; para sustentar a insurreição e a luta contra a autoridade constituída; para mostrar o caráter incerto e problemático de muitas crenças e construções metafísicas” (1:180).

É verdade que a psicanálise não promete muito. Acredita, porém, que um dia “a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém” (21:64).

“O nosso deus lógos talvez não seja um deus muito poderoso, e poderá ser capaz de efetuar apenas uma pequena parte do que seus predecessores prometeram. Se tivermos de reconhecer isso, aceitá-lo-emos com resignação. Não será por causa disso que perderemos nosso interesse no mundo e na vida. . .” (21:69) Assim escreve Freud no seu famoso livro ‘O futuro de uma ilusão’. Estaria ele nos oferecendo em troca a ilusão de um futuro?

Queremos acreditar que não. De qualquer maneira, se não for uma irreverência nossa aproximação, tanto o deus de Freud (o deus lógos) quanto o deus de Jesus de Nazaré apontam para um único e mesmo caminho verdadeiramente libertador: A VERDADE VOS LIBERTARÁ. (Jo.8,32)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ABBAGNANO, M. - *Dicionário de Filosofia*. S. Paulo, Mestre Jou, 1970.
- 2 - ALTHUSSER, L. - *Freud e Lacan*. In *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos, Portugália Editora, 1973.
- 3 - ARISTÓTELES - *Ética a Nicômaco*. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, s/d.
- 4 - ASSOUN, P.L. - *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

- 5 - DESCARTES, R. - *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. S. Paulo, Abril Cultural, 1979.
- 6 - EVANGELISTA, W. - *A ética e o político: desejo e democracia*. In *Estudos de psicanálise*. Ano XX, nº 13.
- 7 - FREUD, S. - *Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1932*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- 8 - _____ - *O interesse científico da psicanálise*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago 1974, V. 13.
- 9 - _____ - *Uma breve descrição da psicanálise*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 19.
- 10 - _____ - *História do movimento psicanalítico*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, V. 14.
- 11 - _____ - *O Ego e o Id*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 18.
- 12 - _____ - *A dissecação da personalidade psíquica*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 22.
- 13 - _____ - *As resistências à psicanálise*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 19.
- 14 - _____ - *Além do princípio do prazer*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 18.
- 15 - _____ - *O mal-estar na Civilização*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 1977, V. 72.
- 16 - _____ - *Esboço de psicanálise*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 1975, V. 23.
- 17 - _____ - *Um estudo autobiográfico*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 20.
- 18 - _____ - *O Inconsciente e a consciência*. *Realidade*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1972, V. 5.
- 19 - _____ - *O inconsciente*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, V. 14.
- 20 - _____ - *As resistências à psicanálise*. In . . . *Obras Completas*. - Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 19.
- 21 - _____ - *O futuro de uma ilusão*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1977, V. 21.
- 22 - _____ - *Inibições, sintomas e angústia*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 20.
- 23 - _____ - *A questão de uma Weltanschauung*. In . . . *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 22.

- 24 - _____ - Dois verbetes de enciclopédia. (a) **Psicanálise**. In. . . **Obras Completas**. Rio de Janeiro, Imago, 1976, V. 18.
- 25 - FROMM, E. - **Grandeza e limitações do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- 26 - _____ - **Psicanálise e Religião**. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano LTDA, 1966.
- 27 - GAY, P. - **Freud, uma vida para o nosso tempo: ensaio sobre Freud**. S. Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- 28 - JONES, E. - **Vida e obra de S. Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 29 - LACAN, J. - **Ética das psicanálise: Seminário 7**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- 30 - LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. - **Vocabulário de psicanálise**. Lisboa, Moraes Editores, 1976.
- 31 - MATTEO, V. DI - A influência literária e filosófica no pensamento freudiano. In **Revista Symposium**. Recife, UNICAP, 1982.
- 32 - _____ - Do inconsciente ao id: gênese de uma idéia. In **Revista Symposium**. Recife, UNICAP, 1986.
- 33 - MEZAN, R. - **Freud, pensador da cultura**. S. Paulo, Brasiliense, 1986.
- 34 - NETO, G.A.F. - A ética da psicanálise. In **14 Conferências sobre Lacan**. S. Paulo, Ed. Escuta, 1989.
- 35 - RICOEUR, P. - **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 36 - _____ - **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro, Imago, 1978.
37. - ROUANET, S.P. - **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- 38 - VILLALBA, I.T. - Ética da psicanálise: uma direção ao real. In **14 Conferências sobre Lacan**. S. Paulo, Ed. Escuta, 1989.
- 39 - VIVIANI, A.L. - Comentário sobre a direção da cura. In **14 Conferências sobre Lacan**. S. Paulo, Ed. Escuta, 1989.
- 40 - WHYTE, L. - **L'inconscient avant Freud**. Paris, Payot, 1971.